

Espaço e interdisciplinaridade: o conceito de espaço na obra de Milton Santos e suas interfaces com a comunicação e a semiótica

Regiane Miranda de Oliveira Nakagawa

Doutora, Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Santo Amaro, BA, Brasil
regianemo@uol.com.br

Resumo

Esta entrevista com Lucrécia D'Alessio Ferrara e Maria Adélia Aparecida de Souza foi realizada por ocasião do Seminário Internacional "Diálogos com as ideias de Milton Santos – 15 anos de ausência", ocorrido no Instituto de Geociências da UFBA. A conversa aborda o pensamento do geógrafo e sua relação com diferentes áreas do conhecimento, como também indica uma série de desafios para a construção do conhecimento na contemporaneidade. Dentre eles, destaca-se a relação entre a disciplinaridade e a interdisciplinaridade, a questão do método e da metodologia e a diferença entre índice e rastro científico.

Palavras-chave

Milton Santos. Espaço geográfico. Lugar. Interdisciplinaridade. Metodologia.

Esta entrevista foi realizada por ocasião do Seminário Internacional "Diálogos com as ideias de Milton Santos – 15 anos de ausência", ocorrido no dia 31 de maio de 2016 no Instituto de Geociências da UFBA. Dentre outros convidados, o evento contou com a participação das professoras Maria Adélia Aparecida de Souza e Lucrécia D'Alessio Ferrara. Geógrafa de formação, a profa. Adélia é professora titular aposentada de Geografia Humana na USP e trabalhou com o professor Milton Santos no Departamento de Geografia daquela instituição. A profa. Lucrécia é professora titular aposentada da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da USP e, atualmente, é docente do Programa de Estudos Pós-Graduados em Comunicação e Semiótica da PUC-SP.

Tendo como tema central o pensamento do geógrafo Milton Santos e sua relação com diferentes áreas de conhecimento, a conversa com as duas pesquisadoras indica uma série de desafios para a construção do conhecimento na contemporaneidade, como a relação entre a disciplinaridade e a interdisciplinaridade, a questão do método e da metodologia ou a diferença entre índice e rastro científico.

Em razão de suas diferentes áreas de formação, é possível vislumbrar a perspectiva que cada pesquisadora lança sobre o autor: enquanto a profa. Lucrécia reconhece a presença de um raciocínio semiótico nas ideias propostas por Milton Santos, a profa. Adélia indica as marcas de um pensamento geográfico não ortodoxo na obra por ele realizada. Trata-se de uma entrevista não só caracterizada pelo dualismo pergunta-resposta, uma vez que, em alguns trechos, ela adquire o formato de uma conversação, marcada pelos devires que decorrem das inferências suscitadas pelas ideias lançadas por cada uma das interlocutoras.

A discussão sobre o espaço sempre foi um dos temas centrais não apenas para a Geografia, mas também para outras áreas do conhecimento, tal como a Comunicação e o Urbanismo. Como vocês avaliam a contribuição do professor Milton Santos sobre o estudo do espaço para diferentes campos do conhecimento?

Profa. Maria Adélia: Para o Milton, o espaço deve ser visto como uma instância social. O espaço não pode ser construído nem produzido; o que é produzida é a paisagem, mediante o uso do território. Território usado é outro significado muito discutido pelo Milton, que o coloca como sinônimo de espaço geográfico, quando, na minha leitura, não pode ser. Se o espaço geográfico é instância, o uso do território se dá a partir das relações sociais que, por sua vez, precisam ser examinadas em função do conceito de formação socioespacial, também proposto pelo Milton. Então, voltando à questão, o espaço é um *a priori*. Não se pode desconsiderar a influência de Sartre e do existencialismo sartriano na concepção de espaço proposta pelo Milton, passível de ser verificada quando se percebe que a existência está condicionada ao uso do território, nasceu do território, afinal, não há possibilidade de levitação do ser humano. Portanto, essa "beleza" do conceito de espaço como instância é um apelo que está na obra *Por uma geografia nova* (SANTOS, 2002), ou seja, de que essa disciplina tivesse como foco o estudo da sociedade. Quando eu leio a obra do Milton, costumo fazer uma analogia entre a instância e o conceito de espaço geográfico. A instância deve ser entendida no sentido kantiano, como aquilo que se impõe a tudo e a

todos, uma vez que é impossível existir sem usar o território, pois ao nascer temos uma nacionalidade, expressa pela localidade e país onde nascemos. Esse uso do território ao nascer tem um caráter histórico, dado pela localidade (não pelo lugar que é outra coisa na obra de Milton Santos) e pelo território usado, que constitui uma formação socioespacial, logo é também constituinte da nação. Então, não se usa o espaço, se usa o território, pois o uso depende de outra condição do ser humano, que é a nacionalidade e a nação, e o espaço da nação é sinônimo de território usado, território como abrigo, no dizer de Milton Santos. Com isso, há a interação da obra dele com a geopolítica, atualizando nesta, o próprio conceito de território.

Profa. Lucrécia: Uma das grandes contribuições do Milton foi exatamente ter tido a coragem de trabalhar sobre um elemento quase intocável para o mundo ocidental, que é o conceito de espaço. Para o mundo ocidental, o espaço, desde a antiguidade grega, foi visto como continente de um conteúdo, ou seja, ele é sempre algo que contém. Portanto, para o mundo ocidental, há uma enorme confusão entre espaço e território, e penso que uma das grandes chaves de leitura do Milton foi ter percebido que as duas coisas não se confundem. O espaço não é um continente de um conteúdo e também não é um território de disponibilidade geopolítica. Ao contrário, uma questão que eu venho desenvolvendo é exatamente a passagem do conceito de espaço para aquele de espacialidade, ou seja, se o espaço pode ser um abstrato, a espacialidade é exatamente construída pela apropriação social, sociocultural e humana do espaço. A espacialidade é uma representação cultural do espaço, quer dizer, ela substitui o espaço que a Geografia sempre entendeu como uma abstração de algo concreto e vivido, que é o uso. A espacialidade é uma representação, uma linguagem do uso do espaço vivido. É exatamente aquilo que faz com que o espaço vá de um fixo para um fluxo. Evidentemente, essa passagem implica a contramão das crenças e hábitos de pensar que marcaram a cultura ocidental. Entender a apropriação social, cultural e humana do espaço é transformá-lo num fluxo disponível à transformação e à possibilidade de se auto-expressar, construindo a própria espacialidade social. Esse é um grande achado do Milton. Ele efetivamente nunca falou de espacialidade, mas esse conceito está muito evidente no subtexto de toda a sua obra. Senão, ele não poderia dar o nome de "Geografia Nova" à Geografia.

Qual a importância do conceito de lugar para o desenvolvimento daquilo que Milton Santos chamou de "Nova Geografia" e para a epistemologia da Geografia?

Profa. Maria Adélia: Há dois conceitos absolutamente revolucionários que fundamentam a Geografia Nova proposta por Milton. O primeiro reporta-se ao espaço geográfico, que ele conceituou e revisitou. Eu acho que o espaço geográfico é um conceito tão importante e fundador para a compreensão da sociedade contemporânea, quanto aquele do modo de produção. Inclusive, não é possível entender refinadamente o conceito de modo de produção sem entender o espaço geográfico. O segundo é o conceito de lugar, pois ele oferece a possibilidade de entender a autonomia e a liberdade do sistema de ações, bom lembrar aqui que Milton Santos definiu espaço geográfico como um indissociável sistema de objetos e ações (SANTOS, 2004), uma vez que é possível constituir lugares coletivos a partir da posição de onde se está, porque o lugar é o espaço de um acontecer solidário (SANTOS, 2002), como ele próprio nos ensina. O acontecer pode ser individual, mas é impossível que as solidariedades sejam individuadas.

Profa. Lucrécia: As solidariedades não são individuadas, pelo contrário, elas são do plano da individuação e do metaindividual. É por isso que as solidariedades ocorrem na esfera do coletivo. O conceito de lugar é um dos mais importantes na obra do Milton e, por meio dessa definição, ele aproximou-se do conceito de metaindividuação formulado por Gilbert Simondon. Percebe-se vários elementos no conjunto da obra do Milton que se reportam a Simondon. Hoje, o conceito de indivíduo é um conceito em crise. Há as transformações do conceito de sujeito, mas o conceito de indivíduo não consegue se transformar.

Profa. Maria Adélia: Para a epistemologia da Geografia, sem dúvida nenhuma, é uma inovação. O lugar é algo que sempre foi usado pela Geografia, mas jamais foi definido. Havia um acordo tácito de que o lugar é onde se nasce, o lugar é a cidade, uma confusão danada. O Milton "põe os pingos nos 'is'".

O professor Milton Santos tinha enorme apreço pelo rigor do método? Como o método era entendido pelo autor?

Profa. Maria Adélia: O Milton tinha uma definição de método. Ele dizia: "o método é um sistema coerente de ideias. Das ideias saem os conceitos e as definições. Você não pode chamar pedra, de mato. Pedra tem um conceito, mato tem um conceito". Outra coisa sobre a qual sempre conversávamos, especialmente nos colóquios com nossos alunos, é a diferença entre texto e discurso. Ele falava: "o trabalho científico é a produção de um texto rigoroso e

envolve, sempre, a busca e a explicitação de uma pequena teoria. Esses são os produtos do método, esse sistema coerente de ideias". Com base nessa compreensão, Milton sempre afirmava que o trabalho multidisciplinar seria a grande questão do mundo novo. Mas, por outro lado, esse passo adiante depende de um profundo conhecimento disciplinar. A "geograficidade" de Milton apresenta-se em tudo o que ele escreveu para mostrar o espaço geográfico como categoria e modo como a sociedade vive, espacialmente. Esse esforço é o que faz da sua obra uma referência importante para outras disciplinas, da mesma forma que a disciplinaridade era sua grande busca. Método e disciplinaridade. E cumpre ressaltar que não há um único método, existem métodos, no plural e que, portanto, eles variam no tempo, na disciplina, no espaço, etc. Essa é a coerência de Milton: na busca do conhecimento, deve-se ter o direito de mudar o método, sair da sua disciplina e buscar outra, desde que não se perca a perspectiva da preocupação que suscitou o trabalho de inquirição.

Profa. Lucrécia: É curioso observar como o conceito de disciplina é, na realidade, um conceito da hegemonia do capital científico. Quando você é um indivíduo bem-posto, bem-colocado no território do capital científico, você domina uma disciplina. Você é o especialista. E isso é um desastre. Na atualidade, a gente precisaria ser um especialista capaz de dominar várias áreas. Ou damos esse salto, ou não vamos a lugar nenhum.

Professora Lucrécia, segundo seu entendimento, a obra de Milton Santos possui uma dominante epistemológica caracterizada pelo "rastro científico". A senhora poderia falar um pouco sobre essa dominante?

Profa. Lucrécia: A questão do rastro científico está diretamente ligada não à questão do método, por que o método se estabelece como um *a priori* de percurso a percorrer, como um *a priori* de caminho já demarcado, já definido. O equívoco está em confundir método com metodologia. Se método se refere a um caminho de pesquisa empírica, determinado e fixado *a priori*, é possível ponderar que a metodologia se refere a um modo de pesquisa criado com base nas características do objeto em estudo, adequado e inspirado pelo objeto... ou seja, a metodologia está mais próxima da heurística do que da lógica, que é pressuposta como adequada a qualquer objeto científico, independente da sua base fenomênica. Da mesma forma, índice e rastro não se confundem. Ambos são conceitos semióticos. Pelo índice, levantam-se empiricamente os elementos indiciais de uma natureza

fenomenológica. Ao contrário, o rastro não se fundamenta no conceito de índice, mas trabalha exatamente com aqueles elementos que marcariam a arqueologia. Não se trata da arqueologia de um fenômeno, pois isso não existe, mas da arqueologia de um pensamento, ou seja, como é que uma ideia foi capaz de se desenvolver ou como um rastro científico é capaz de traçar um roteiro epistemológico do conhecimento. É isso que o Milton procurava fazer.

Profa. Maria Adélia: O Milton denominava esse processo de raciocínio qualitativo. E, na atualidade, o atraso é tão grande que persiste a quantificação como resultante do conhecimento.

Profa. Lucrécia: É uma confusão entre quantificação e qualidade porque, muitas vezes, também a tal pesquisa qualitativa não passa de uma descrição banal de um fenômeno visto, mas não estudado. Em todas as áreas, isso chega a ser quase um lugar-comum. É por isso que há a necessidade, como o Milton tanto avisava, de estar atento à metodologia, não como prefixação de um caminho, ao contrário, como metodologia construída, colada a um fenômeno estudado, porém buscando nesse fenômeno a sua arqueologia ou os traços, os rastros da sua arqueologia. Na realidade, o rastro científico nem é um conceito propriamente novo, Foucault não falava de rastro científico, mas, sim, de método arqueológico. Mas ele dizia também que esse método arqueológico não vai à procura da gênese de um fenômeno, porque essa gênese, essa semente primeira não existe; o que existem são as assinaturas, as marcas da transformação. No caso de Milton, da transformação de um lugar.

Como vocês avaliam a interdisciplinaridade na construção da obra do professor Milton Santos?

Profa. Lucrécia: Pensar que o Milton criou uma obra interdisciplinar é algo interessante porque, efetivamente, hoje percebemos que o Milton passou a ser bibliografia obrigatória de quase todas as áreas do conhecimento. No caso das Ciências Humanas, é unânime a indicação da bibliografia do Milton Santos para todas as investigações. Em especial, na Comunicação, cada vez mais o Milton é citado e cada vez mais os pesquisadores se dão conta de que o Milton opera numa realidade central para o conhecimento que se pretende construir. Uma coisa curiosa: a interdisciplinaridade na obra do Milton é uma interdisciplinaridade subversiva e como ele efetiva essa subversão? Subvertendo a

disciplina. Não há possibilidade de criar uma relação interdisciplinar com a ciência senão eliminando o território hegemônico da disciplina consagrada.

Profa. Maria Adélia: O Milton sempre teve a preocupação de tentar explicar que o espaço geográfico é uma totalidade em movimento. E, por ser uma totalidade em movimento, o espaço é abstrato para a Geografia do Milton. Essa totalidade, expressão do real concreto inatingível, é interdisciplinar. Portanto, a interdisciplinaridade, segundo minha leitura, é aquilo que ele pretende alcançar com este objeto, ou seja, o espaço geográfico. Até então, o objeto da Geografia era a região. Por meio da definição de espaço como indissociabilidade entre sistemas de objetos e sistema de ações, Milton deu vida aos fixos, aos objetos, cada vez mais técnicos. Quando ele nos propõe que a Geografia é uma ciência do presente, do que aí está, das paisagens e das dinâmicas, ele baseia-se em Sartre para dizer que o espaço não é imóvel, não é congelado, não é parado, portanto, não é plano. Há uma série de caminhos que a gente pode percorrer para perceber quão revolucionária é a obra do Milton. Talvez por isso ele tenha sido tão pouco lido pelos geógrafos, porque a Geografia tem uma origem reacionária, militar e conservadora. A história do pensamento geográfico só começa a esboçar tais aspectos com o grande geógrafo francês Pierre George que, aliás, foi do partido comunista francês. Aquilo que o Milton denomina como fixos e fluxos, George chamava de vida de relações, ou seja, o papel dos interesses hegemônicos, sem o que, não se compreende o mundo do presente. Essa é uma obrigatoriedade de compreensão por parte dos geógrafos de hoje, tendo por base a Geografia Nova. E, aí, eu acho que a gente tem que lançar uma ideia nova, que é fazer uma conversa entre a obra do Milton e o conceito de hegemonia formulado por Antonio Gramsci. Normalmente, costuma-se explicar o mundo só pelas hegemonias do mando e do poder, sendo que eu entendo que é preciso discutir o mundo pelas hegemonias populares que também existem e que ninguém pensa que existem. Inclusive, essa compreensão é estimulada pela obra do Milton.

Profa. Lucrécia: Gramsci estudou a possibilidade da contra-hegemonia para ir além da hegemonia. Isso não significa derrubar a hegemonia porque, para Gramsci, a hegemonia estava sempre alicerçada contra a luta operária, que nunca se efetivou. Na realidade, a contra-hegemonia de Gramsci implicava a criação dos blocos históricos. E o que eram os blocos históricos? Eram exatamente a desestabilização total de todos os elementos fixamente programados pela hegemonia do capital. Trata-se de algo interessante, porque o espaço não é um significante vazio, ao contrário, ele é um significante que se faz atuante na medida em que cria uma relação capaz de projetar uma possibilidade de espacialidade em

fluxo, em transformação. É neste sentido que a interdisciplinaridade do Milton é eminentemente subversiva, porque ele vai contra o caráter mais fixo da ciência ocidental, que é o conceito de disciplina.

Profa. Maria Adélia: Esta concepção de contra-hegemonia ou outra hegemonia formulada por Gramsci converge com a valorização das culturas nos lugares proposta pelo Milton. É nesse sentido que o conceito de contra-hegemonia de Gramsci cria um diálogo com o conceito de lugar na obra do Milton.

Profa. Lucrécia: Mas o que é o bloco histórico proposto por Gramsci? É exatamente a singela apropriação da espacialidade do lugar, aquele momento em que o homem, apropriando-se de seu espaço construído com trabalho e criatividade, é capaz de dizer “esse pedaço do mundo é meu”.

Profa. Maria Adélia: É isso que eu acho fantástico na proposta do Milton. Ele era tão fissurado na busca do diálogo interdisciplinar que escreveu *Por uma outra globalização* (SANTOS, 2007a), para tentar sensibilizar sobre a importância dos fixos, que são essas coisas todas que a gente vê na paisagem, de forma que os fixos traduzem modos de existência, que no capitalismo são classistas. Então, pelo estudo da paisagem, que é a porta de entrada do trabalho do geógrafo, é possível fazer uma análise social rigorosa e sempre crítica. Acho que esse é o sentido da obra do Milton. Agora, tem uma complicação aí, que é sobre o conceito de interdisciplinaridade, pois a interdisciplinaridade nunca é do sujeito.

Profa. Lucrécia: Esse é o equívoco do conceito de interdisciplinaridade, que é usado sem consequência. Não é porque meia dúzia de pesquisadores resolve se reunir em torno de uma pesquisa que ela se torna interdisciplinar, ou seja, não é porque os pesquisadores de várias áreas do conhecimento se reúnem para fazer uma pesquisa interdisciplinar que a interdisciplinaridade existe, a interdisciplinaridade está no objeto pesquisado. É o objeto pesquisado que pode ser interdisciplinar, caso ele seja estudado pelos seus elementos em transformação, nos seus fluxos.

Professora Lucrécia, como a senhora avalia as possibilidades de trânsito interdisciplinar entre a obra do professor Milton Santos e o campo da Comunicação? Além disso, é possível reconhecer a presença de um raciocínio semiótico na obra de Milton Santos?

Profa. Lucrécia: A obra do Milton é profundamente semiótica. Não é por qualquer razão que ele está sendo indicado em todas as bibliografias da área de Comunicação e Semiótica, misturando até as duas coisas, que também não se misturam, mas misturando as duas coisas... Na realidade, o Milton é um semioticista e um comunicólogo. Naqueles seminários que a gente fazia no curso de Geografia da USP, eu comecei a perceber que, cada vez mais, o que o Milton falava ia ao encontro das minhas ideias. Daí eu fiz o seguinte: tirei algumas cópias de vários trechos e questões da obra de Charles Sanders Peirce, levei e deixei na casa dele. Aí, num dos seminários que a gente teve pouco depois, eu perguntei: “Milton, você recebeu?”. E ele respondeu: “Recebi, li, mas não entendi”. Não há nada o que espantar, porque não podia mesmo entender. Ele estava vivendo aquilo que, para a Semiótica, é muito importante entender. Ele estava vivendo exatamente o modo como se produz conhecimento na fronteira entre todos os conhecimentos, na fronteira porosa, na fronteira flexível de todos os conhecimentos.

Professora Maria Adélia, como a senhora avalia as possibilidades de trânsito interdisciplinar entre a Geografia e o campo da Comunicação?

Profa. Maria Adélia: Um dia, após uma das nossas reuniões de estudo, o Milton disse: “Adélia, eu estou pensando uma coisa, vamos lá falar com a Cremilda Medina, na Escola de Comunicações e Artes da USP, para a gente montar um grupo de estudo lá, porque aqui na Geografia não vai dar. Vamos convidar historiadores, vamos chamar a Lucrécia, vamos chamar o Otávio Ianni... A gente vai fazer um grupo e poderia criar lá, dentro da Eca, uma disciplina que vai se chamar ‘Espaciologia’, porque é disso que se trata, para a gente conversar mais com o pessoal da Comunicação. Porque, sem isso, a Geografia não existe”. E publicamos numa revista, em um volume que a Cremilda coordenou, a respeito do que é interdisciplinaridade, transdisciplinaridade e multidisciplinaridade. Ele dizia que a Geografia não mais cabia como departamento de Geografia, porque nossos colegas não suportariam nossa necessidade de estar, a toda hora, dialogando com outras áreas de conhecimento.

Profa. Lucrécia: Por isso que eu digo que ele era um semioticista e um comunicólogo, porque ele percebeu que, ou a universidade se reformulava radicalmente, rompendo seu caráter hierárquico e disciplinar, ou ampliaria seu descompasso histórico. Não vamos esquecer que a História não é outra coisa senão uma Geografia expandida do

espaço. A História depende da Geografia, só que essa história precisa ser entendida também como uma História de fluxos, e não como uma História de eventos que marcam períodos históricos. Essa periodologia, no caso da História, é um desastre. E isso, para a Comunicação e para a Semiótica, na altura dos anos 2000, era uma coisa muito difícil de ser entendida. Uma “Espaciologia” proposta como uma disciplina para ser dada na Eca não tinha a menor condição de vingar, pois não havia repertório suficiente para perceber exatamente o que isso poderia suscitar. Nos anos 2000, vivia-se uma crise de repertório científico grave. Eu não sou uma mente computabilizável”, eu não acho que se deva “computabilizar” o mundo, pelo contrário. Porém, a tecnologia digital acabou levantando algumas questões, alguns problemas que abarcam exatamente a transformação do espaço, como os fluxos do espaço, que antes não se tinha condição de ver.

Professora Lucrécia, a senhora foi uma das fundadoras do primeiro programa de Pós-Graduação em Comunicação e Semiótica no Brasil. Como a senhora avalia as pesquisas sobre a interface entre a Comunicação e a Semiótica na atualidade?

Profa. Lucrécia: Trata-se de uma interface interessantíssima entre a Comunicação e a Semiótica no Brasil, mas sabe como eu avalio exatamente essa realidade? Exatamente no exercício de todos os dias. Cada aula que você dá, cada tese que você orienta, cada conferência que você apresenta, você está constantemente construindo essa realidade entre a Comunicação e a Semiótica, de modo que essa relação não se esgota na criação de um programa de pós-graduação. Não há possibilidade de comunicar fora de uma configuração, porque sempre se comunica por meio de palavras, gestos, olhares, corpo, e essa comunicação tem uma configuração. Ora, configuração não é outra coisa senão Semiótica.

Profa. Maria Adélia: É por isso que o Milton também fala em configuração territorial, que é uma coisa difícil de se explicar, pois não é a paisagem em si, mas a possibilidade de constituição, de construção, de uso, de mudança, de alternância das paisagens. São conceitos complexos.

Professora Maria Adélia, a senhora foi Pró-Reitora de Graduação da Unila (Universidade da Integração Latino-americana). Que avaliação a senhora faz da expansão do ensino público

superior no Brasil, nos últimos 12 anos? A senhora sabe qual era a avaliação que o professor Milton Santos fazia do ensino superior no Brasil quando foi professor da USP?

Profa. Maria Adélia: O Milton sempre dizia que a universidade tinha mudado de rumo, que ela estava mais a serviço do mercado do que da humanidade. Para ele, todas as áreas eram menos importantes do que as faculdades de Filosofia, Ciências e Letras que, por sua vez, também abdicaram do seu papel de pensadoras e transmissoras críticas do conhecimento, pois passaram a adotar absurdos como programas disciplinares. Ele falava sobre a falência deste modelo de universidade tal como ela está organizada. Isto vai ter que ser revisto. Historicamente, há uma ruptura muito estranha nesse processo, porque as universidades brasileiras, hoje, estão muito rejuvenescidas. Houve um processo intenso de aposentadorias precoces por conta da legislação brasileira dos anos 80, que causou um abalo sísmico nas universidades. Por outro lado, num tempo muito curto, houve a criação de mais de 100 universidades novas no Brasil, o que fez com que se acelerasse a produção de doutores e se encurtasse o tempo de produzir pesquisa. E isso tudo está gerando uma repercussão para pior no andamento das questões acadêmicas e da própria academia.

Profa. Lucrécia: Confunde-se a produção de mestres e doutores com formação de mentalidade científica, e o que nós precisamos é formar mentalidades científicas e pensadores com a coragem de produzir um conhecimento novo, ou seja, com a coragem de duvidar. E a universidade empresarial não tem a menor condição de responder a esse desafio. É uma pena que as Ciências Humanas tenham se filiado ao modelo adotado pelas Ciências Exatas. Houve um momento, nas décadas de 60 e 70, em que se tentou terrivelmente uma aproximação com as Ciências Exatas, mediante a criação de métodos, como o estruturalismo, capazes de, com segurança, dar a possibilidade de produzir, em pouco tempo, uma ciência que deveria explicar o mundo. Com essa ambição, as Ciências Humanas perderam seu lugar e seu posto.

Profa. Maria Adélia: Aí você tem a falência do pensamento crítico, do rigor e da erudição, não como privilégio de classe, mas como fundamento do processo de conhecimento. Está bem difícil e acho que há também um engano dessas hegemonias no sentido de nos obrigar a produzir doutores a cada quatro anos. Há também um encantamento com a técnica e com a tecnologia que também vai se exaurir e já começa a se

falar em criatividade como novo momento da história, do pensamento, da história humana. Porque é óbvio que isso vai se exaurir.

Para Mikhail Bakhtin, os sentidos de uma obra apenas se apresentam na "grande temporalidade", visto que o sentido de um texto não se esgota na época em que foi produzido, mas pode ser ampliado ou atualizado em períodos históricos longínquos, aparentemente sem nenhuma relação com a obra produzida. Assim, como a situação político-econômica vivida no Brasil de hoje pode contribuir para ampliar ou atualizar a obra, os conceitos ou determinadas análises feitas pelo professor Milton Santos?

Profa. Maria Adélia: A proposta da Geografia Nova do Milton é muito interessante, porque ela dá um salto de qualidade, de contemporaneidade, de atualidade à Geografia. O Milton teve uma postura ética que eu considero muito interessante e que os geógrafos nunca discutiram. Ele teve a capacidade de revisitar todos os conceitos, atualizar, corrigir. O conceito de lugar, por exemplo, que na Geografia é um vácuo e é confundido com o conceito de localidade. A Geografia é uma ciência que pode se expressar de forma absolutamente lógica, porque nós também lidamos com meridianos e paralelos, não é só a astrofísica ou a geofísica. Ainda mais hoje, com o geoprocessamento, nós podemos indicar um local absolutamente preciso onde um fixo poderá ser criado ou gerado. Portanto, nós não podemos abdicar do conceito de localidade, que é aquilo que tem precisão geodésica. Só que, na Geografia, isso ficou valendo como conceito de lugar. O Milton parte da localidade e resgata o conceito de lugar, que é uma das coisas mais importantes da obra dele, ou seja, o entendimento de lugar como espaço do acontecer solidário. Portanto, não é passível de localização. Com isso, ele dá um salto e sai da teoria da localização, que é rígida, rigorosa, matemática e lógica, e abre a possibilidade de entender fixos e fluxos de forma mais científica e correta. Ele vai buscar quais são os acontecimentos. Hoje, por exemplo, não se podem entender as hegemonias que estão aí instituídas sem o conceito de verticalidade ou de acontecer hierárquico. E qual é o sistema de ações do acontecer hierárquico e da verticalidade que, ligado a objetos, produz o uso do território? São as empresas transnacionais. E, dentro desse conceito, tem uma enorme politização, ou seja, é possível estabelecer um diálogo com a política e com a economia política para entender o papel, no espaço geográfico, no uso do território, de um ente internacional que são essas empresas. Eu

acho que isso resume, no meu entendimento, esse caráter interdisciplinar, esse caráter dialógico que a obra tem. Ele resgata, mas ele cria outras definições, aprimorando-as. Não se pode falar de lugar sem falar de horizontalidade e verticalidade. Além disso, ele baseou-se em Durkheim para definir as solidariedades, ou seja, para aprimorar a disciplina que estava ajudando a refundar, o Milton mostrou absoluta necessidade de buscar outras referências. Esta contemporaneidade dos conceitos, esta atualização que o Milton fez, foi possível mediante o aprofundamento da disciplinaridade, porém, relacionada a uma busca ferrenha do diálogo multidisciplinar. Por outro lado, se o Milton fosse vivo hoje, ele estaria indignado com estes subterfúgios da política e com as intervenções que estão sendo feitas. Isso vai no sentido oposto de toda a obra dele. Para entender o Brasil de hoje, basta ler *O espaço do cidadão* (SANTOS, 2007b). Esse é um livro que merece ser lido para se compreender o sentido do golpe, tendo em vista o papel do espaço público, quer dizer, a rua, hoje, é o grande contra-argumento, que não é só a rua. A rua pode ser um conceito vazio, mas o conceito de lugar, apropriado ao espaço público, tem um grande efeito político desde que as solidariedades e os acontecimentos tenham uma finalidade, uma racionalidade ou contrarracionalidade, que são outras duas palavras mágicas que ele relaciona sempre ao conceito de espaço.

Profa. Lucrécia: Todo momento de crise, seja ela cultural, econômica, política, etc., é um momento em que os valores constituídos e alicerçados são colocados em jogo. Na realidade, este jogo das desestabilizações que Bakhtin chama de dialógico, implica a possibilidade que se tem de atravessar fronteiras, porque as fronteiras são porosas. Há uma enorme diferença entre limite e fronteira. O limite é fixo e estático, a fronteira, ao contrário, é flexível e porosa. É exatamente num momento de crise que se abrem as possibilidades para que possamos rever aquilo que o hábito nos leva a repetir de modo mais ou menos inconsequente. A questão do dialogismo está outra vez sendo discutida. Esse foi um conceito muito debatido nas décadas de 70 e 80, e depois ficou meio desaparecido e agora está voltando com toda a força. Todos os autores jovens, de hoje, nacionais e internacionais, estão trabalhando com o conceito de dialogismo. Agora, por quê? Porque o conceito de dialogismo põe em questão exatamente a possibilidade de se trabalhar com a crise, não de nos submetermos à crise, mas de trabalharmos com ela, entendermos suas raízes a fim de superá-las. E também essa superação não é definitiva, essa superação é sempre passageira e é sempre dinâmica. Esse é o conceito de dialogismo. Atrás do conceito de dialogismo nós temos, hoje, a necessidade de colocar em questão o conceito de multidão, porque não se

trata da multidão na rua, trata-se da multidão como categoria de análise de um fazer social, cultural e político que coloca em xeque, exatamente, os hábitos alicerçados pela tradição. Nesse sentido, o Milton foi muito além da Geografia, por isso, ele construiu o próprio presságio acerca da dificuldade de leitura da sua obra. Embora ele seja muito citado, eu acho que ele ainda é muito mal lido e compreendido. Quer dizer, ele não é lido em toda a profundidade das consequências daquilo que escreveu. Acredito que ainda não se conseguiu apreender essas consequências, de modo que seminários, debates, troca de ideias, citações bibliográficas, tudo isso é muito bom para que possamos revisitar a obra do Milton, a fim de entender, exatamente, a sua profundidade, que vai muito além da Geografia.

Profa. Maria Adélia: Não se pode esquecer de quando o Milton propõe, no quinto capítulo do livro *Espaço e método*, as categorias de análise do espaço geográfico: forma, função, processo e estrutura, ou seja, isso é a totalidade em movimento.

Profa. Lucrécia: Ele mexe em alguns pontos-chave bem complicados. Forma, função e método do processo não são palavras que possam ser usadas alegremente. Ao contrário, elas têm peso específico, como na Química. As palavras na ciência também têm peso específico. Quando ele usa forma, função, modelo, território, espaço, local e lugar, todos esses conceitos acabam assumindo um peso específico. Acredito que ainda falta debater a pluralidade de significados e de fronteiras que esses conceitos estabelecem entre si na obra do Milton.

Profa. Maria Adélia: Eu acho que advêm desse trabalho os passeios que Milton fazia pelas outras disciplinas, o que não é muito comum entre os acadêmicos. Ele sempre dizia: “você precisa ter uma profunda disciplinaridade para poder entender o outro”. Ele fazia esse jogo com maestria. O Milton passou anos estudando Filosofia e Filosofia do Direito. Ele não era geógrafo de formação, talvez por isso ele não tenha se estragado tanto como geógrafo, perdendo tempo com as velhas concepções da Geografia clássica. Ele leu criticamente a Filosofia, a Filosofia do Direito, a Economia Política e a Sociologia, junto com os grandes companheiros de discussão que teve ao longo do seu percurso de pesquisador. Quem se formou na primeira metade do século XX, até os anos 60 e 70, tinha que ter conteúdo para conversar. É uma cultura intelectual.

Profa. Lucrécia: Eu não consigo compreender como é possível trabalhar com Comunicação, com Semiótica, falar de lugar, falar de territorialidade, falar da diferença entre local e lugar, etc., se não entendemos Filosofia. Precisamos da Filosofia para que tenhamos condição de fazer este percurso interdisciplinar. Não é a pesquisa que é interdisciplinar, o

percurso que fazemos é que acaba sendo interdisciplinar. Trata-se da coragem necessária para sair da redoma da sua própria disciplina e passear por outras áreas, gerando provocações. Naqueles seminários que fazíamos na Geografia, frequentemente, eu me sentia deslocada, porque eu era alguém que vinha da Comunicação, estudava Semiótica, mas trabalhava com espaço, com a cidade, na FAU-USP. Eu me sentia deslocada porque eu relacionava muitas coisas, muitas áreas de conhecimento, e eu me misturava em todas elas. Inclusive, isso é uma coisa que, até hoje, não perdi, não consigo perder, porque gosto.

Referências

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço**. Técnica e tempo. Razão e emoção. São Paulo: Edusp, 2004

.SANTOS, Milton. **Por uma geografia nova**. Da crítica da Geografia a uma Geografia Crítica. São Paulo: Edusp, 2002.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal**. Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Record, 2007a.

SANTOS, Milton. **O espaço do cidadão**. São Paulo: Edusp, 2007b.

Space and Interdisciplinarity: the concept of space in the Milton Santos' work and its interfaces with communication and Semiotics

Abstract

This interview with Lucrécia D'Alessio Ferrara and Maria Adélia Aparecida de Souza was conducted on the occasion of the International Seminar "Dialogues with Milton Santos ideas - 15 years absence", held at the Instituto de Geociências da UFBA. The discussion covers the geographer Milton Santos' thought and its relationship with different areas of expertise, as also indicates a series of challenges for the construction of knowledge in contemporary times. Among them, the relationship between disciplinarity and interdisciplinarity, the method and methodology matter, and the difference between index and scientific trace.

Keywords

Milton Santos. Geographic space. Place. Interdisciplinarity.
Methodology.

Recebido em 11/10/2016

Aceito em 17/10/2016